

A Construção do Conceito de Gozo em Lacan

Marie Christine Laznik-Penot

(final)

As duas primeiras partes deste artigo foram publicadas no número 8 de **PERCURSO**.
Nesta terceira e última parte, a autora ilustra seu ponto de vista
com um exemplo tirado da literatura mística.

III Um Gozo Suplementar que seria especificamente feminino

“Pois por não ser toda -a mulher- ela tem, com relação àquilo que a função fálica designa de gozo, um gozo suplementar.”

Esse gozo, Lacan o supõe do lado das mulheres místicas. “Basta olhar a estátua de Bernini em Roma para compreender imediatamente que ela goza, não há dúvida.”⁽¹⁾ O que é menos seguro é o que Lacan entende por essa “mulher não toda” e, portanto, capaz de um gozo suplementar que não seria de ordem fálica. Não posso expor aqui os quantificadores

das fórmulas ditas da sexuação, das quais deriva esta questão, pois isso exigiria um longo desvio. Lembrarei apenas que, para Lacan, os seres humanos se situam de um lado ou de outro desta fórmula, em função da relação que tenham com a questão fálica e do que visem em seu desejo. Aqueles que se situam

Marie Christine Laznik-Penot

Psicanalista brasileira vivendo em Paris. A versão francesa deste artigo foi publicada na **Revue Française de Psychanalyse**, 1990, vol. 54, nº 1, p. 57-79.

Tradução: **Alexandra Sterian**.

Nota da Redação: Por uma falha nossa, o nome de Alexandra Sterian foi grafado erradamente no número 8 de **PERCURSO**.

do lado masculino da fórmula se apóiam sobre a questão fálica para visar em seu desejo o objeto *a*, causa do desejo. Aqueles que se situam do lado feminino visam ao mesmo tempo dois pontos diferentes: o falo em seu parceiro, mas, ao mesmo tempo, *S(A)*, isto é, o significante do Grande Outro barrado, o que não deixa de ter uma ligação com o gozo, como já vimos.

Para Lacan, o sexo real não é determinante para um sujeito quanto ao lado que ele virá a ocupar na fórmula. Escrevi, há algum tempo, um artigo sobre a **Pentesiléia** de W. Kleist, tentando mostrar que ela se situa do lado masculino dessa fórmula; Lacan afirmou que São João da Cruz se situava do lado feminino. Se supusermos que João conheceu o gozo místico, e se quisermos supor que se trata de um gozo suplementar ao gozo fálico, somos obrigados a colocá-lo do lado feminino, supondo um sujeito para quem a questão fálica não teria interesse. Mas isso não é evidente, e a tese da existência desse gozo suplementar, que neutralizaria a questão fálica, não é unânime no meio lacaniano. Isto fica claro se observarmos o próprio enunciado: a mulher “não-toda”. Com efeito, do lado masculino da fórmula da sexuação, a questão se coloca para qualquer sujeito, enquanto do lado feminino há uma negatificação do quantificador, que pode ser lido como “não é para qualquer sujeito que a questão fálica se coloca”, ou então: ela não se coloca para o sujeito por inteiro (ela não está toda submetida à questão fálica). Além disso, a tese de Lacan implica um gozo que ficaria “extra-sexo”, isto é, fora da marca da

diferença e, portanto, da falta, cujo lugar é simbolizado pelo grande Outro.

Tentando analisar o texto de uma mulher mística, questiono esse suposto gozo suplementar. Para abordá-lo, precisamos encontrar marcos a partir daquilo que nos é mais familiar em nosso cotidiano, bem como na obra de Freud.

Gozo Místico

É no “Mal estar na cultura” que encontraremos uma referência de Freud a essa questão. Como sabemos, ele parte do sentimento oceânico, uma necessidade do eu de voltar a um estado anterior àquele de sua distinção com o

A tese de Lacan
implica um
gozo que ficaria
"extra-sexo".

não-eu. Sem apelar a um material primitivo, é à nostalgia do pai que Freud remete o sentimento de ser apenas Um como o grande Todo. Isso evoca a mística e o êxtase, companhia que não lhe agrada muito, pois, deixando o tema, Freud sente a necessidade de exclamar como Schiller: “Que alegria respirar a luz rósea!”. O que me lembra a exclamação de Kant a propósito da mística: “**Schwärmereien!**” - que Lacan traduz por “Negros enxames! - nós vos enxotamos!”. E é também o que me lembra a relação mística e sofrimento em uma mulher como Marguerite-Marie

Alacoque, isto é, alguém que não esmorece desde os primeiros passos em direção ao seu gozo.

No plano cultural, é a tradição várias vezes centenária da adoração do Cristo sofrendo na cruz que aqui parece fazer, naturalmente, a ligação. Se certas mulheres místicas sentem esse gozo diretamente, suportando a face do Outro - a face de Deus - pelo seu gozo, outras só podem aceder fantasmaticamente a esse gozo pelo viés de supô-lo sustentando pelo corpo - oh, tão ferido! - do Cristo em seu Calvário. Elas só gozam do suposto gozo desse corpo mutilado oferecido à face de Deus. Para Lacan, encontramos aí a questão do Barroco, que ele define como sendo “a regulagem da alma pelo prisma do corpo”. Com relação a isso, fala explicitamente desse gozo sustentado pela paixão de Cristo no Calvário. Lembra a pouca importância, para a doutrina cristã, da pergunta se Cristo tem ou não uma alma; o importante é que ele tenha um corpo. Diz Lacan: “Essa doutrina só fala da encarnação de Deus em um corpo, e supõe que a paixão sofrida nessa pessoa tenha feito o gozo de uma outra”⁽²⁾.

Podemos encontrar raízes dessa questão na própria obra de Freud. Como vimos na primeira parte deste artigo, em “Pulsões e destinos da pulsão” Freud chega a enunciar que, quando provocamos sofrimentos nos outros, “gozamos nós mesmos na identificação com o objeto sofrido”⁽³⁾.

Sabemos que é a propósito do sadismo que Freud traz essa estrutura intersubjetiva. Parece-me que, com a condição de fazer algumas modificações, esse modelo pode servir-nos de marco. Com efeito, aquela que goza com

os olhos cravados no corpo de Cristo na Cruz pode aparentemente invocar não ter provocado, ela mesma, esse sofrimento; embora - veremos no texto de Marguerite - isto não seja tão certo. O que é certo é a dimensão de identificação ao Cristo sofrendo. Esse lugar, veremos que Marguerite o reclama insistentemente. Ela quer este sofrimento. O que traz mais problemas é a questão fálica, pois, para Freud, o sofrimento só participa do gozo na medida em que está ligado à pulsão sexual. Estamos aqui em uma elaboração freudiana bem anterior à de "Para além do princípio do prazer", à sua conceituação da pulsão de morte. Poderíamos conceber que se trata, talvez, daquilo que Freud chama de gozo narcísico ligado à pulsão de morte? Caso contrário, não vemos como escapar à questão fálica.

Marguerite-Marie Alacoque

Preferi trabalhar a partir do texto de Marguerite e não com os da grande Teresa ou os de João, pois esses últimos foram retomados e reescritos em parte pelos guardiões dos bons costumes da Igreja, enquanto Marguerite não era suficientemente importante para ter o mesmo tratamento.

Nascida em 1647, ela perde muito jovem seu pai. Sua mãe encontra-se, com filhos ainda pequenos, submetida a um tio cruel. Esse tio, a pretexto de protegê-los, vem se instalar na propriedade com sua própria mãe e sua filha. Esses personagens constituirão uma verdadeira "tropa de atormentadores", para empregar a expressão de Lacan em "Kant com Sade".

A mãe de Marguerite está

frequentemente doente, e a pequena menina sofre todo tipo de privação e sofrimento. Aos oito anos é colocada como interna em um convento, mas contrai uma anemia tão severa que deverá ficar quatro anos sem andar. Tão logo sara, recomeçam os maus tratos. O que nos interessa é ver como ela vai transformar esse sofrimento em gozo.

Para esclarecer a questão do gozo na mística, vou propor partir do modelo do qual Lacan se serve para analisar o fantasma sadiano. Parece-me interessante comparar a estrutura do fantasma, isto é, a relação psíquica do sujeito com o objeto, nessas duas

Ela visa o gozo de seu senhor: precisa reconhecer seu sofrimento como gozo.

situações, suas semelhanças e suas disparidades. É em "Kant com Sade" que Lacan se interessou pelos cenários fantasmáticos descritos por Sade em sua obra. No fantasma sadiano, o que é visto é o gozo do próximo, seu gozo nocivo, maligno. Como vimos, o próprio Freud havia feito alusão ao sadismo ao abordar as relações do gozo com o mal. Lacan aponta que, enquanto fantasma perverso, o fantasma sadiano fixa a função do gozo no próprio registro do desejo, isto é, não é mais o significante do Outro enquanto faltante $S(\mathcal{A})$ que é visado, mas o objeto do fantasma, a. "O perverso

so imagina-se sendo o Outro para assegurar seu gozo", o que equivale a negar a castração. Isso tem, para Lacan, efeitos plenamente referenciáveis no nível da fórmula do fantasma ($S \diamond a$), que articula o sujeito ao objeto causa de seu desejo e suporta assim a utopia. Na medida em que não se reconhece com nenhuma falta, o agente do cenário sadiano entrega sua castração imaginária ($-\phi$) ao outro, seu objeto. Ele perde assim, numa só tacada, sua divisão de sujeito em proveito desse objeto, e se encontra, ele mesmo, no lugar de um puro instrumento. Segundo Lacan, portanto, a fórmula do fantasma encontra-se invertida ($a \diamond S$). Já que seu desejo teve como efeito colocar o outro na situação de submeter-se à vontade de sofrimento, o sádico vai encontrar-se no lugar de um puro objeto, petrificado enquanto instrumento da **Vontade** de fazer sofrer o parceiro. Pensando que essa **Vontade** lhe pertence, o agente do cenário perde toda divisão capaz de devolver-lhe o estatuto de sujeito. Mas a vítima (aquela dos textos de Sade), guarda precisamente sua divisão de sujeito, recusando-se sempre a identificar o sofrimento moral e físico ao qual está submetido como sendo seu próprio gozo. Esse gozo encontra-se atribuído ao Outro, $S(\mathcal{A})$. Para Lacan, o neurótico não está nada disposto a perder sua divisão de sujeito para assegurar o gozo do Outro.

Com Marguerite, passa-se exatamente o contrário. Ela visa o gozo de seu Senhor: é por isso que ela precisa reconhecer seu sofrimento como gozo. Para Lacan, é por esse viés que a mística tenta fazer existir Deus, mas ao preço do abandono de sua

divisão de sujeito, ao preço de sua anulação como sujeito.

É através de uma encenação fantasmática que Marguerite atinge seu objetivo. Primeiro, ela se recusa a odiar a tropa de atormentadores. Chega a perdoá-los, pois “eles só eram os instrumentos de que Deus se servia para realizar Sua santa Vontade”. Mas isso tem por efeito transformá-los em simples instrumentos, como na desmontagem que Lacan realiza a propósito da experiência sádica: o executor encontra-se petrificado em um puro objeto e perde, portanto, o estatuto de sujeito. A Vontade de fazê-la sofrer é imputada portanto ao Outro - o que é aliás sempre verdadeiro. Mas, embora seu gozo seja endereçado ao Outro (Deus, no caso), continua sendo o **seu**. Ela goza, enquanto no fantasma sadiano o que é essencial é que a vítima permaneça sempre dividida em relação a esse gozo, que suporta mas que para ela permanece radicalmente Outro. Para Lacan, com sabemos, o neurótico mantém firmemente essa divisão que o remete à sua castração, funda-o como sujeito, e é o que ele possui de mais certo. Ora, se Marguerite consente tão facilmente em perder a sua divisão, ela não é neurótica. Qual é, então, seu gozo?

“É evidente que o testemunho essencial dos místicos está justamente em dizer que eles o sentem - esse gozo - mas que eles não sabem nada a respeito”⁽⁴⁾. Aqui meu trajeto corre alguns riscos, pois acredito que o texto escrito pela própria Marguerite nos permitirá talvez saber alguma coisa a esse respeito. Voltemos, pois, ao que ela diz de sua juventude. Queria entrar para o convento, mas sua família a obriga a

viver como uma jovem cujo futuro é o casamento. Vejamos como, nessa vida banal, organiza-se o roteiro do gozo.

Quando é obrigada a ir a bailes e é cortejada por jovens, ela - nos diz - vê a tristeza de Jesus, Aquele a quem ama. Pede-lhe perdão, o que significa que dilacera o corpo, infligindo-se aquilo a que se costuma chamar “a disciplina”, a fim de, conscientemente, ser como Ele: sofrer a mesma paixão que Ele, ficar lacerada como Ele mesmo ficou. Um dia, ela concorda em ir a um baile de máscaras. Na volta, seu Senhor ciumento lhe mostra Sua face desfigurada, dizendo-lhe que fora a

**O neurótico mantém
essa divisão que o remete
à sua castração.**

vaidade dela que o reduzira a esse estado. Ei-la no lugar do instrumento do sofrimento de Cristo, de causa de sua paixão. Tal posição, que a transforma em simples instrumento do Gozo do Outro, S(A), e que a aliena, portanto, desse gozo, não lhe convém em absoluto. Ela faz rapidamente girar o roteiro de forma muito interessante: seu Deus ciumento a faz “tomar uma árdua disciplina”. Escapa assim deste lugar petrificante de eterno objeto, que segundo a desmontagem de Lacan é o do sádico, quando este rejeita sobre o Outro a dor de existir⁽⁵⁾.

Notamos, de passagem, que

o próprio Sade não é ludibriado por seu fantasma, e que, em sua vida, escapa dessa petrificação. Com efeito, Lacan observa que Sade esteve muito tempo preso, submetido ao Querer de uma Sogra que era Presidenta, e que acabou conseguindo interná-lo em Charenton. Que a Vontade de fazê-lo gozar destas diversas encarcerações e internações pertença à sua sogra, é incontestável; e Sade protege sua divisão de sujeito deixando o lugar de sujeito bruto do sofrimento para a sua mulher, que, até o fim, lamentará a sorte dele.

Quanto a Marguerite, ao enunciar que é seu Senhor que a faz “tomar uma árdua disciplina”, ela se sujeita também a uma Vontade de sofrimento que lhe é exterior. Não se apega, no entanto, a esse lugar de sujeito dividido. Quer alcançar esse lugar de sujeito do sofrimento, que equivale, para ela, ao lugar do gozo. E isso para alcançar Cristo em sua Paixão: “Ponho-me a seus pés como uma hóstia viva, que tem como único desejo o de lhe ser imolada e sacrificada, para consumir-me como um holocausto nas puras chamas de seu amor... Não tenho outra impressão nem movimento além de amá-lo, e sinto-me às vezes tão apressada, que gostaria de dar mil vezes minha vida para mostrar-lhe o desejo e o ardor que me consomem. Sinto atrações tão violentas, que parece que meu apetite está atravessado por flechas, o que me tira o poder de respirar. Permaneço... meu corpo sofrendo com meu Jesus, e meu espírito regozijando-se em seu amor”⁽⁶⁾. Esse texto parece ilustrar bastante bem o gozo, tal qual nos mostra a escultura de Santa Teresa de Bernini - obra

contemporânea ao nascimento de Marguerite.

Parece-me que podemos notar em Marguerite duas vertentes do gozo. Um gozo do corpo do outro, por um lado, aquele que ela sente ao pensar no sofrimento do corpo de Cristo. Nesse nível, nada distingue esse gozo do que se supõe ter sido o das Bacantes, ou do de um personagem como a **Pentésiléia** de Kleist⁽⁷⁾. Mas, por outro lado, o gozo que ela procura é outro. É aquele que seu Senhor, com as flechas dele, a faz sofrer em seu próprio corpo. Desta forma ela alcança o Gozo sofrido pelo Outro.

O êxtase como abolição do sujeito

O que se segue não se encontra desta forma em Lacan, mas constitui uma hipótese teórica pessoal, a partir da teoria lacaniana. O que ocorre psiquicamente com Marguerite parece-me ter conseqüências visíveis algebricamente: se ela passa dessa posição de objeto a , causa da Paixão de Cristo, à posição de sujeito bruto do sofrimento $S(A)$, essas duas posições fundem-se entre si. Isto produz um curto-circuito na intersubjetividade fantasmática, e tem como resultado algébrico uma situação logicamente anterior à demarcação da falta no grande Outro, isto é, um Grande Outro sem barra: $S(A) + a = S(A)$. Isto é visível nos elementos do gráfico do desejo que examinamos: esse pequeno a - cuja perda marcava o grande Outro como simbolicamente barrado - volta a fazer Um no grande Todo. Nessa identidade absoluta das posições, ela atinge o êxtase. Já que nada falta ao Outro, não há mais fantasmas,

não há mais sujeito do desejo. Ela é amor no qual se consome.

Para que isso seja algebricamente verdadeiro, é preciso que Marguerite ocupe primeiro o lugar de puro objeto a . Mas esse lugar do objeto a , no plano imaginário, é o lugar dos objetos eminentemente destacáveis, pedaços de corpo, cuja queda os transforma em desejos: placenta, fezes, lascas de unhas, cabelos. Ora, é preciso poder manter este lugar de objeto. Se na vida amorosa, para sustentar o desejo de um homem, uma mulher pode prestar-se a isso, é graças à parada que mascara esse registro do desejo sob as aparências da Beleza. Co-

O gozo que ela procura é outro: o gozo sofrido pelo outro.

nhecemos a recusa de se prestar a isso, tão violentamente colocada pelas feministas ao levantarem o véu dourado que mascara o lugar da abjeção. Como fica isso para Marguerite? Ela fala disso, muito precisamente, nas conversações com seu Senhor, num momento de sua vida em que já conseguiu fazer-se religiosa e acaba de pronunciar seus votos. Eis o que ela lhe diz: "Com a condição, ó meu Soberano Senhor, de que vós não façais nunca aparecer em mim nada de extraordinário, mas somente aquilo que puder me causar o máximo de humilhação possível e de abjeção frente às criatu-

ras, e me destruir em sua estima". E estas não são vãs palavras: a fim de ocupar esse lugar de desejo, que é o do objeto a , conta-se que ela vai engolir pedaços de pele que caem do corpo dos leprosos. E eu fico por aqui, pois mesmo para mim, essa região se torna sombria demais e me lembra o horror que senti no filme de **Pasolini, Salò ou os 120 dias de Sodoma**, que certamente tratava desse além absoluto do princípio do prazer (e sabemos o preço que ele teve de pagar para isso). Prefiro ficar no nível do relato que Marguerite quis descrever sobre sua experiência mística.

Voltemos ao que ela visa, o Gozo do Outro. Para isso, Marguerite começa a se colocar no lugar do desejo, de objeto caído, de $a^{(8)}$. Ela encontra aliás na tradição católica do **Ecce homo** a imagem que lhe convém para sustentar-se nesse lugar: esse Cristo flagelado, transformado em objeto de ridículo dos soldados, ele mesmo dejetado. É a esse lugar que ela quer se identificar. Aliás, quando Ele lhe propõe ser a esposa do monte Tabor e participar da Transfiguração, ela recusa: "Era para mim mais do que a morte, pois eu não via nenhuma conformidade com meu esposo todo desfigurado e rasgado no Calvário".

No entanto, para que esse gozo persista, parece ser preciso alimentar sempre os limites do sofrimento. Marguerite escreve: "Meu divino Senhor me dava tão grande desejo de me conformar com sua vida de sofrimento, que todos os meus tormentos não me pareciam mais nada, e eu redobrava minhas penitências". Essa perseguição do gozo implica certamente numa escalada. Parece

que encontramos isso em muitos místicos. Frequentemente, o próprio título de suas obras comporta esse **crescendo** necessário à experiências. A da beguina Hadewijch, por exemplo, intitula-se **As doze horas misteriosas**⁽⁹⁾, durante as quais trata-se de ir cada vez mais longe, conseguir recuar esse ponto limite que permite obter o gozo. Parece-me ser disso que se trata na questão da “Infinitude do gozo”, da qual fala Lacan no Seminário **Mais, ainda**.

A propósito do fantasma sadiano, aliás, Lacan notava que, para o roteiro continuar a produzir gozo, o limite possível do sofrimento deve ser sempre ampliado. Parece claro que aqui estamos num lugar que não é do princípio do prazer. Eis-nos, de novo, na ligação entre a questão do fantasma de Sade e o gozo de Deus.

O gozo de Deus

“Certamente o cristianismo educou os homens a serem pouco observadores quanto ao gozo de Deus”⁽¹⁰⁾, diz Lacan, falando da influência que teve sobre Kant um certo místico, cujo suspiro vem abafar aquilo que entrevê, além de ter visto que seu Deus é sem rosto: **Grimmigheit** (o que se poderia traduzir por furor ou ferocidade). Sade o nomeia: ser-supremo-maldade. Quanto a Marguerite, seu Senhor lhe diz: “Quero que tu sejas agora o brinquedo do meu amor, como as crianças fazem com sua boneca. É preciso que tu te abandones sem resistências. Deixa-me alegrar-me às tuas custas, nada perderás”. Ei-la transformada em sua escrava. Mas logo será na casa do esposo que ela entrará, para “tomar posse e gozar de sua presença, de seus bens, de seu amor”. O

Cântico dos Cânticos é a referência permanente.

Gozar ainda mais! O texto só fala agora de carícias de amor, tão excessivas que a põem fora de si. Gozos tais que ela lhe suplica: “Suspendei, ó meu Deus, esse tormento que me abisma, ou aumentai minha capacidade para recebê-lo!” Parece-me estarmos aí em outro lugar, que não é o da pulsão insatisfeita. É talvez por isso que a hipótese de um gozo suplementar ao gozo fálico - que na medida em que permanece no registro da castração, está fadado a ser insatisfeito - seduziu tanto Lacan.

Certamente, o preço a pagar é muito alto: não apenas a renúncia à ordem do sexual, mas ainda à ordem do ser sujeito, pelo menos nos momentos de êxtase. Mas então como, nessa anulação do sujeito, nesse recuo extremo do ponto de gozo, a morte não vem ao mesmo tempo? Marguerite não está só com seu Senhor; existe a Ordem real à qual ela faz o voto de obediência. A Ordem intervém para fazer cessar o Gozo do Outro, em nome, me parece, do Princípio do Prazer. Ordena-se-lhe dormir, alimentar-se, cuidar-se. Talvez seja isso que tenha permitido aos místicos viver longos anos. Sabemos que o mesmo acontecia com Teresa de Ávila.

No entanto, mesmo se tentei sustentar que Marguerite foi uma verdadeira mística, parece que a partir de certo momento ela não pôde mais manter essa posição. O objeto ao qual ela se identificava vai recobrir-se de brilho extremo, avivado ainda mais por todo o sangue que a cerca, e se petrifica num objeto de culto: o Coração do Senhor. E estranhamente, é ainda no que Lacan diz sobre o

fantasma sadiano que encontramos uma ressonância: “Esse fantasma tem uma estrutura onde o objeto é apenas um dos termos, onde a busca que ele (o fantasma) configura pode ser ampliada. Quando o gozo se petrifica nisto, o objeto torna-se fetiche negro, onde se reconhece perfeitamente a forma, oferecida numa certa época e num certo lugar, e ainda atualmente, para que nela seja adorada um Deus⁽¹¹⁾”.

Para melhor encobrir o objeto imaginário, mascarado pelo brilho do fetiche, convém erguer um Monumento. Está feito: no alto de Paris, em Montmatre, reina o Sacré-Coeur.

Notas:

⁽⁹⁾Lacan, *Encore*, p. 70.

⁽¹⁰⁾Lacan, *Encore*, p. 102.

⁽¹¹⁾Freud, “Pulsions et destins de pulsion”, OC, PUF, 1988, vol. XII, p. 174.

⁽¹²⁾Lacan, *Encore*, p. 71.

⁽¹³⁾Lacan, “Kant avec Sade”, in *Écrits*, p. 778.

⁽¹⁴⁾Marguerite-Marie Alacoque, *Entretiens Mystiques*, Paris, Ed. SPES, 1947.

⁽¹⁵⁾M.-C. Laznik-Penot, “Encore et plus jamais!”, in *Bulletin de L'Association freudienne de Belgique*.

⁽¹⁶⁾Essa qualidade de desejo do objeto é perceptível no nível da clínica, sobretudo no caso do autismo, e permite apreender melhor certas situações que tornam a situação intersubjetiva impossível. Ver M.-C. Laznik-Penot, “L'amour sûr du père: quel ques réflexions sur la morsure et la chute dans la constitution de l'objet”, in *L'oralité*, Trimestre psychanalytique, n° 1, 1990.

⁽¹⁷⁾Publicado em *Lettres spirituelles*, Genève, éd. Claude Martingay, 1972.

⁽¹⁸⁾Lacan, “Kant avec Sade”, in *Écrits*, p. 773.

⁽¹⁹⁾Lacan, “Kant avec Sade”, in *Écrits*, p. 773.